



## **A REINVENÇÃO DO GÊNERO E SEXUALIDADE NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ<sup>1</sup>**

INARA DA SILVA SANTOS<sup>2</sup>

VALÉRIA AMIM<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O Candomblé é uma religião afro-brasileira que surgiu em meados do século XVIII, resistindo às condições de vida diaspóricas, preservando e adaptando um sistema simbólico dos povos africanos em meio ao processo de colonização português, que impôs aos povos indígenas e africanos a exploração e violação de seus corpos por meio do trabalho escravo. Estando estes povos inseridos em uma dinâmica de vida distinta ao modelo europeu/ocidental foi necessário reelaborar suas crenças e valores como forma de sobrevivência no novo mundo. As questões de parentesco, gênero e sexualidade sempre integraram o cotidiano das diferentes etnias em África, logo, também orientavam o sistema simbólico religioso, inserindo em seus ritos as hierarquias e valores ancestrais. Desta forma, tínhamos como objetivo compreender como foi constituído as noções de gênero e sexualidade nos terreiros de Candomblé, percebendo os papéis e funções interseccionados ao gênero e a sexualidade, por meio de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, que mergulhou nos estudos e análises de Carneiro (1978), Mott (1999), Teixeira (2000), Segato (2000), Landes (2002), Oyěwùmí (2004), Birman (2005), Bento (2017), Jesus (2019), Dias (2020), Fernandes e Vieira (2023) e entre outros. Com base nestes estudos, notou-se que as noções de gênero e sexualidade nos terreiros não estão desassociadas da visão dominante e hegemônica da sociedade ampla, todavia, percebeu-se arranjos e adaptações no que tange a questão de gênero e sexualidade.

**Palavras-chave:** Candomblé, Gênero, Sexualidade.

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, na modalidade FAPESB - COTAS, cuja vigência se deu entre 01/10/2022 a 30/09/2023.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, email: [issantos.cos@uesc.br](mailto:issantos.cos@uesc.br)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UESC, email: [vamim@uesc.br](mailto:vamim@uesc.br)



## INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a religião de matriz africana conhecida como Candomblé iniciam-se por volta de 1986, a partir dos escritos sobre os povos africanos de origem étnico-linguística bantos, iorubás, jejes e malês, realizados pelo médico brasileiro Nina Rodrigues, considerado um pioneiro ao revelar os Candomblés ao mundo da Ciência. Vale dizer, que embora seus estudos sejam significativos, o autor tinha o seu pensamento norteado por um darwinismo-social exacerbado, típico do determinismo racial. Neste sentido, Nina desenvolve em terras brasileiras um discurso cientificista, típico do século XIX, profundamente marcado pelo racismo dogmático. Contudo, as suas descobertas sobre o Candomblé e o negro se tornaram precursoras.

Desde então, diversas pesquisas surgem buscando compreender como este “sistema harmonioso e coerente de representações coletivas e de gestos rituais” (Bastide, p. 11, 2005) vem se desenvolvendo ao longo da história do Brasil, desde a formação, a organização ritual, e a como as questões de identidade de gênero e sexualidade estão engendradas nos terreiros, questões estas que são destacadas nas pesquisas de Mott (1999), ao discutir sobre o “pecado” de sodomia na Bahia no período Brasil Colônia, que seria por sua vez as práticas homoeróticas já realizadas tanto pelos povos originários, africanos, e pelos europeus, que ao serem descobertos eram condenados pela Inquisição Portuguesa.

Levando em consideração tais contextos, objetivamos entender como foi constituído as noções de gênero e sexualidade nos terreiros de Candomblé, percebendo os papéis e funções interseccionados a estas questões neste ambiente religioso e a relação que mantém com a sociedade mais ampla. Conforme os estudos de Birman (2005) existe uma associação entre a sexualidade e a religiosidade afro-brasileira que leva a várias concepções que reverberaram no imaginário social, sendo a principal delas de que a religião concebe uma sexualidade “desviante” para os seus



frequentadores devido a possessão, algo compreendido como o intermédio entre os adeptos e ao domínio do santo quando este, monta no seu cavalo. Sobre este aspecto associado na religião do Candomblé, Patrícia Birman (2005) afirma:

A atividade religiosa da possessão que 'fabrica' mediadores com a esfera sobrenatural tem efeitos sobre a natureza da pessoa em termos de gênero, 'feminilizando-a' quando se trata de homens e 'empoderando-as' quando se trata de mulheres, o que provocaria, em consequência, um permanente diálogo conflitivo dessas pessoas com a norma social e suas possibilidades de transgressão (Birman, 2005, p. 409).

Tal preconceção observada pelos estudos da autora, nos leva a interpretar que existe uma percepção pejorativa no imaginário social recaída a este culto, pois esses sujeitos compreendem que a religião desvirtua e se torna um antro de perdição quando um adepto que se reconhece como homem ou mulher, ao virar com uma energia feminina – *yabá* –, ou masculina – *aboró* – que seja antagônica ao seu gênero, demonstrará assim um desvio a sua face sexual, enquanto que a possessão não causa um desvio na sexualidade, e sim explora a linguagem sexual dos seus adeptos:

Para melhor compreender essas articulações, temos que analisar o papel de gênero do adé. O personagem que se institui sob este termo é, na verdade, o especialista maior em explorar, através da possessão, o seu duplo sentido sexual e, assim, o seu sentido enquanto feminilidade. Em termos de gênero, não teríamos nenhuma peculiaridade a considerar se, frente aos procedimentos religiosos e às benesses que estes propiciam, não houvesse, por parte dos homens, uma atitude que contraria certos valores 'tradicionais' associados ao candomblé. A partir das virtualidades que efetivamente são fruto de sua concepção de mundo, os integrantes do candomblé podem fazer uso de moralidades diversas, sem que se vejam deslocados de suas inserções religiosas. A possessão, como operador da distinção entre os gêneros, é, neste caso, uma forma de sublinhar a aquisição dessa dimensão feminina. Não se trata mais da perda um tanto obscura da masculinidade, mas da minuciosa exploração do duplo sentido que a possessão permite: a sua ativa apropriação enquanto linguagem sexual (Birman, p. 51, 1988).

Desta forma, a religião do Candomblé não causa um desvio na



sexualidade dos frequentadores, estando a possessão como algo desvirilizante, mas não que desvirtua, pois apenas possibilita aos adeptos uma liberdade para expressar uma linguagem sexual através do seu corpo. Devido a isso, os terreiros tornam-se conhecidos por ser um ambiente de sociabilidade, onde os corpos reconhecidos como transviados são aceitos sem nenhum preconceito, o que Landes (2002) sugere ser este traço acolhedor, algo característico da religião, pois historicamente o Candomblé se constituiu, em um primeiro momento, por ser um matriarcado.

A antropóloga traz em seus estudos feitos na Bahia, as implicações da época diante aos Candomblés de Caboclos, que passam a iniciar homens, tendo estes então uma liberdade para receber os seus santos. Tal característica, se difere por exemplo das casas nagôs da época que se posicionaram a favor de uma tradicionalidade que só iniciava exclusivamente às mulheres para receber as divindades. Ruth Landes (2002) afirma:

Os baianos ligam os maiores Candomblés aos iorubá, os nagô segundo a fala da Bahia, uma das maiores sacerdotas nagô na Bahia são quase exclusivamente femininas. A tradição afirma que somente as mulheres estão aptas, pelo seu sexo a tratar as divindades e que o serviço dos homens é blasfemo e desvirilizante (Landes, p. 321, 2002).

Logo, essa pesquisa se faz importante para refletir e analisar como se manifestam as relações de gênero e sexualidade no ambiente religioso do Candomblé. Ao propor novas análises que destacam como essas comunidades de axé intermedeiam no seu cotidiano essa interseção entre raça, gênero e sexualidade a partir das experiências desses sujeitos, buscando romper com pré concepções das lógicas coloniais, binárias, heteronormativas e LGBTQIA+fóbicas que dominam as dinâmicas dos povos de terreiro ao longo do tempo.

Por fim, o estudo possibilita pensar a identidade de gênero e sexualidade dentro de um contexto que dê visibilidade para narrativas minoritárias das comunidades negras e LGBTQIA+, que ao longo da história da



ciência foram invisibilizadas, partindo do método bibliográfico para direcionar a revisão dos estudos já realizados sobre o assunto, ao tempo em que se buscava embasar nossas análises ao longo da pesquisa.

## **METODOLOGIA**

A metodologia que guiou este estudo possui um caráter bibliográfico de abordagem qualitativa. No primeiro momento foi feita a revisão de literatura para selecionar os autores e obras que pudessem contribuir com a pesquisa, sendo estes Carneiro (1978), Teixeira (2000), Segato (2000) Landes (2002), Oyěwùmí (2004), Birman (2005) e (1988), Bento (2017), Jesus (2019), Dias (2020), Fernandes e Vieira (2023), Oliveira (2009) e Rodrigues (2004).

Após a seleção, o segundo momento se caracterizou pelas leituras dessas obras, juntamente com a construção de fichamentos que organizassem os registros de informações destes autores e as minhas reflexões acerca do que estava compreendendo diante às análises e críticas que envolvem pensar o Candomblé junto às questões de gênero e sexualidade.

Por fim, houveram as reuniões junto a orientadora para debater e tirar dúvidas pertinentes, algo que contribuiu para embasamento dos estudos diante o processo de pesquisa. Além disso, participar das reuniões e discussões no Kàwé/Neabs me auxiliou na compreensão sobre as interseccionalidades postas às comunidades negras.

## **RESULTADOS ALCANÇADOS**

A discussão a respeito da sexualidade e identidade de gênero é algo que está envolto em diversas esferas da sociedade, por serem categorias eminentes que influenciam diversos contextos, sejam eles políticos, econômicos, sociais e religiosos. Conforme os estudos de Bento (2017):

Gênero e sexualidade são categorias analíticas potentes quando não



# **"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"**

**XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA**

**VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

**VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.**

**VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO**

**CANTINHO DO GRIÔ**



estão isoladas e não são utilizadas como variáveis independentes de contextos econômicos, raciais, nacionais (e outros marcadores da diferença) mais amplos. Mas restringi-las à dimensão analítica é esquecer a vulnerabilidade das travestis, das mulheres trans, dos gays (principalmente os gays femininos), das lésbicas e das mulheres não trans. (Bento, 2017, p. 24)

Logo, ao refletirmos sobre tais categorias, devemos fazer isso de uma forma em que as duas estejam interseccionadas, para só assim compreendemos suas dinâmicas a partir de cada contexto. Além disso, é necessário apreender estas categorias como uma construção sociocultural:

[...] pensar os gêneros e as sexualidades como práticas discursivas, construídas por aspectos culturais e históricos que visam não negar as materialidades dos corpos, mas lê-los através de uma visão multifacetada, abdicando de uma compreensão única que é, muito possivelmente, equivocada (LOURO *apud* DIAS, 2020, p. 62).

Considerando que estas categorias adentram várias esferas sociais, neste estudo buscou-se compreender suas formações nas Comunidades Tradicionais de Terreiros (CTTro), espaços atualmente conhecidos por agregar todas as diferenças. É preciso neste momento situar alguns aspectos que fazem parte destas comunidades: o primeiro diz respeito à ancestralidade, visto nos CTTros como um princípio organizador. Assim, a ancestralidade é vista como “o princípio que organiza o Candomblé e arregimenta todos os princípios e valores ao povo-de-santo na dinâmica civilizatória africana (Oliveira, 2009, p. 3), destaca-se que embora esse culto performatiza uma reafirmação, estas categorias supracitadas, a saber, gênero, sexualidade, geracionalidade, não são universais. Os povos iorubás, por exemplo, não baseiam suas hierarquias nas categorias de gênero, e sim na idade, ao qual chamam de “princípio da antiguidade” ( Oyěwùmí, 2004, p. 6).

Mas, situando o Candomblé no território ao qual ele se insere, percebe-se que ele possibilita que os seus adeptos experienciem novos princípios e valores a partir da reorganização cultural entre esses dois territórios – Brasil e África – devido o processo de diáspora, que ao acontecer, conferiu novas estruturas relacionadas às formas como esses povos trazidos do continente



africano se introduziram, e passaram a pensar sobre as questões de identidade de gênero e sexualidade, que por sua vez reverberam no interior dos terreiros, construindo concepções e categorias que norteiam tanto a dimensão ética quanto o próprio fazer religioso.

A exemplo de como esses aspectos repercutiram, os estudos de Segato (2000) explícita bem como estas questões estão interseccionadas para o povo-de-santo:

A relevância deste sistema complexo de composição da identidade de gênero está em que uma pessoa que se situa na parte central do espectro, como alguém que combina um santo-homem e um santo-mulher e tem uma orientação homossexual, poderá invocar os componentes masculinos e femininos de sua identidade de acordo com a situação e como parte de estratégias para acumular papéis sociais e rituais. (Segato, p. 78, 2000)

Ao destacar como essas categorias estão envolta nesse culto religioso, observa-se também os critérios estabelecidos para reger uma organização interna, que leva em consideração princípios femininos e masculinos ao dividir as tarefas litúrgicas e de manutenção no terreiro. Além disso, a sexualidade do povo-de-santo é classificada em quatro identidades sexuais nos terreiros, sendo estas: homem (homem que gosta de mulher); *adé* (homem que gosta de homem); mulher (mulher que gosta de homem); e *monokó* (mulher que gosta de mulher). Em seguida, há também a sexualidade mítica, associada aos orixás para fundamentar os papéis sexuais, sendo *aborós* às entidades masculinas, *iabás* as entidades femininas, e *metá-metá*, entidades oriundas da diáspora que possuem traços masculinos e femininos (Teixeira, 2000).

Contudo, por mais que a religião do Candomblé seja conhecida por ser um espaço de sociabilidade para os corpos transviados, ao integrar em suas atividades litúrgicas e ordinárias esses corpos dissidentes, os mesmos são acolhidos até certo ponto. Isto significa que embora o terreiro seja tido como um lugar acolhedor, os espaços religiosos afro-brasileiros também forjam restrições que impõem dinâmicas de exclusão, conforme apontado nos

# **"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"**

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



estudos de Dias (2020) quando discute como estas categorias analíticas e intrínsecas às experiências do povo-de-santo da comunidade LGBTQIA+, – sobretudo de sujeitos trans – são vividas de forma subalterna no cotidiano dos terreiros:

Tratando do campo social Candomblé, é possível que pessoas trans\* não se sintam pertencentes ao espaço religioso em função do modo como as/os demais adeptos/as da religião lidam com os seus processos identitários. Os dogmas são a pura representação do impedimento e da negação do modo de ser e existir dessas pessoas, o que corrobora para uma relação meramente comercial (e pontual) na qual as demandas emergenciais de uma parte e outra são sanadas a partir das necessidades de ambos (Dias, 2020, p. 172).

Tal dinâmica de exclusão aos sujeitos transviados fazem com que estes corpos se afastem da religião, ou se mantenham diante a um processo ao qual Dias (2020) nomeia de “moeda de troca”, que seria por sua vez quando um corpo dissidente abdica da forma que se reconhece em sua vida por um acolhimento que nunca se dará por completo, caso os dirigentes e outros frequentadores continuem a impor nas relações com adeptos da comunidade LGBTQIA+ uma discursividade violenta nas interações do cotidiano dos terreiros que deslegitima a sexualidade ou identidade de gênero destes.

Esta normatização presente nas CTTro pode ocorrer devido a forma com às relações de poder são estruturadas hierarquicamente nestes espaços, ao evidenciar assim, o lugar de cada adepto na organização social na religião, o que concerne aos ritos e dogmas serem justificadores da manutenção de práticas excludentes, assegurados nos pensamentos hegemônicos, heteronormativos e binários (DIAS, 2020). Desta forma, essas violências diante as sexualidades dissidentes e corpos transviados se assentam em pressupostos relacionados à tradição, sendo fixada na condição de permanecer imutável. Fernandes e Vieira observam

O que compreendemos por tradição não deve se coadunar com um





discurso saudosista e nostálgico do passado atravessado pelos interesses da colonialidade, da Cruz, do Pecado, da eugenia e da biologia e sim, preservando aspectos positivos das culturas africanas, viabilizar a potencialidade de todas formas de ser e existir (Fernandes; Vieira, 2023, p. 65).

Além disso, deve-se considerar que as questões de identidade de gênero e sexualidade postas nos terreiros não estão desassociadas de uma visão heteronormativa, binarista, patriarcal, cristã, pensamento que domina ainda hoje a sociedade mais ampla, ancorada em um contexto de epistemicídio que influencia a forma como estes povos produzem seus valores e princípios perante a realidade, estando a memória como uma forma de acessar a ancestralidade, capaz de intermediar e possibilitar novas dinâmicas (OLIVEIRA, 2009).

Portanto, discutir identidade de gênero e sexualidades dissidentes no interior dos terreiros é se situar em um espaço de lutas que não está isento das violências produzidas, justamente por estarem envoltos em categorias analíticas e políticas que perpassam interesses múltiplos, o que resulta na construção de conceitos referenciados na binariedade e numa sutil universalidade epistemológica, contribuindo para reproduzir invisibilidades aos adeptos pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+.

Vale ressaltar, que embora as violências a estes corpos dissidentes ocorram com mais recorrência na sociedade ampla do que nos terreiros, ainda assim este ambiente religioso apreende discursos heteronormativos, binários e autoritários que fortalecem preconceitos e domínio sobre estes corpos dissidentes, pois desejam estagnar uma tradição, que consequentemente apenas contribui aos interesses da colonialidade e a um sistema cisgênero heterossexista de supremacia branca capitalista.

Por fim, as questões de gênero e sexualidade devem ser compreendidas no campo dos estudos culturais; e quando engendradas nas Comunidades Tradicionais de Terreiro, inicialmente conhecidas como espaços onde esses corpos não seriam rejeitados, com alguns estudos



realizados ao longo da pesquisa, observou-se as dinâmicas de exclusão na religião do Candomblé, não somente de acolhida para corpos dissidentes, que só são aceitos nas religiões afro-brasileiras com uma certa tolerância, caso mantenham uma ordem de gênero, se tornando mais difícil ainda para sujeitos trans estabelecerem o seu lugar de reexistência na religião afro-brasileira, em decorrência de sujeitos LGBTQIA+, onde a subalternização desses gêneros inconformes e das sexualidades dissidentes no culto refletem um projeto de apagamento dessas identidades.

## **CONCLUSÃO**

Durante o meu levantamento unicamente bibliográfico, devido a pesquisa ter sido iniciada na metade do ano de 2021, ainda em ocorrência da Pandemia do Covid-19, o que impossibilitou ir aos terreiros de Candomblé, selecionamos algumas obras para desenvolver o estudo, sendo literaturas escritas por autores que além de pesquisadores não heteronormativos, são também participantes das Comunidades Tradicionais de Terreiros, o que contribui para um olhar apurado do cotidiano dos sujeitos que vivenciam o culto religioso ao investigar como as questões de gênero e sexualidades dissidentes se forjaram nestes espaços.

Além disso, os estudos a partir das literaturas levantadas permitiu novas considerações ao se pensar sobre estas questões diante ao segmento religioso do Candomblé, provocando inquietações e possibilitando apreender saberes das comunidades negras e LGBTQIA+, consideradas minoritárias, uma vez que não possuem um lugar de destaque para “ciência”, pois desafiam a normatividade ao promoverem uma visão mais inclusiva sobre as questões de gênero e sexualidade, ainda que mantenham uma pseudo preservação de uma lógica binarista, cisheteronormativa, patriarcal para manutenção de uma tradição, que por sua vez não deve ser estática e sim, mutável e inclusiva.

Com a diáspora, esses povos trazidos do continente africano para o



Brasil, buscaram uma reterritorialização de uma África como uma forma de se sentirem incluídos em um novo território. O que originou a forja de uma África mítica, que tanto tem elementos primordiais africanos quanto aqueles produzidos pela experiência diaspórica. Neste sentido, incluem um discurso ocidental que impõe uma estrutura regulatória dos corpos, estando as outras possibilidades de refletir gênero e sexualidade dissidentes cerceadas para discussão, ou uma articulação que desenvolva um pensamento potencializador dessas categorias socioculturais nas Comunidades tradicionais de terreiro.

Por fim, é importante enunciar novas estratégias que fortaleçam a descolonização do conhecimento, para que assim estes corpos dissidentes não sejam invisibilizados, sendo algo possível a partir de micropolíticas desenvolvidas por seus dirigentes nas casas de Candomblé, ao dialogarem sobre as questões de identidades de gênero e sexualidades, possibilitando uma acolhida das relações sociais emanadas no cotidiano deste espaço religioso e o rompimento com pensamentos coloniais que reforçam normas hegemônicas.

## REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**: rito nagô. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos / Berenice Bento. - Salvador: EDUFBA, 2017.

BIRMAN, Patrícia. Relações de gênero, possessão e sexualidade. Tese de doutorado Rio de Janeiro, PPGAS Museu Nacional, 1988.

BIRMAN, Patrícia. Tramas e Transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. 2005. **Estudos feministas**, Florianópolis, p.403-414, maio/ago. 2005.

DIAS, Claudenilson da Silva. **Identidades Trans em Candomblés**: entre aceitações e rejeições. Salvador, BA: Editora Devires, 2020.

FERNANDES, Alexandre; VIEIRA, Leonardo. Desaqueendar toda tradição: corpos



dissidentes de gênero em terreiros de candomblé. *In*: Marcos Souza; Maria Ferreira (orgs). **Tendências e Perspectivas nos Estudos Sobre as Relações Étnicas e suas Interfaces**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2023. p. 59 - 73.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva; Revisão e notas de Edson Carneiro. 2 ed. Ver. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **A epistemologia da ancestralidade**. *Revista Entrelugares – Revista de Sociopoética e abordagens afins*, ISSN 1984-1787, 2009 – Disponível: <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-resumo.pdf>. Acesso em 09 de outubro de 2023.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. 8. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

SEGATO, Rita Laura. Inventando a natureza: família, sexo e gênero no Xangô do Recife. *In*: Carlos Eugênio Marcondes Moura (org). **Candomblé: religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 45 - 102.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão. Lorogun – identidades sexuais e poder no Candomblé. *In*: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (Org.). **Candomblé: religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 196 - 225.